

# **O MEIO AMBIENTE PARA JOVENS DO GRÊMIO ESTUDANTIL: UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A SUBJETIVIDADE**

**SPAZZIANI**, Maria de Lourdes – CUML

**GE:** Educação Ambiental / n.22

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

## **INTRODUÇÃO**

As discussões aqui apresentadas referem-se a uma pesquisa que se propõe analisar as concepções de meio ambiente de jovens do Grêmio Estudantil de uma escola pública municipal e verificar sua contribuição para os estudos sobre a constituição da subjetividade. Uma outra interface importante que pretendemos explicitar está na busca de alternativas metodológicas para a inserção da educação ambiental no projeto político-pedagógico da escola.

A construção do conhecimento em qualquer área temática tem relação direta com as formas de constituição da subjetividade. Questão central dentro da linha de pesquisa “Constituição do sujeito no contexto escolar” do Programa de Pós Graduação em Educação que subsidia o desenvolvimento deste projeto. Segundo Rey (2001) *o estudo da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual*. Ou seja, entender os conceitos ou as idéias explicitadas por um sujeito, significa compreender aspectos que circundam um determinado contexto social. A discussão sobre um tema fornece indícios para compreensões sobre o contexto e sua produção.

Nossa trajetória nessa pesquisa, também esta alicerçada na idéia de que a educação ambiental não deve se configurar como mais uma disciplina curricular. Aqui temos a oportunidade de apresentá-la nas micro-organizações institucionais, tal como o Grêmio Estudantil, que nos parece de suma importância. Primeiro pela possibilidade de contribuirmos para a sua reestruturação, situação incentivada pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, que ao nosso ver constitui-se num espaço de mobilização e participação da comunidade estudantil nos movimentos da escola e da comunidade. Segundo pela própria especificidade da

educação ambiental de potencializar ações interdisciplinares, participativas e de incremento da cidadania, mais fáceis de serem desenvolvidas em contextos menos formalizados como encontros de alunos fora do âmbito cristalizado dos espaços das aulas tradicionais.

De posse deste cenário propusemos desde o início da nossa entrada na escola, no início de 2002, articular as questões que nos preocupavam como pesquisadora e as necessidades e interesses que mobilizavam os jovens que se reuniam entorno do Grêmio. Uma das questões iniciais, e que aqui exploramos detalhadamente, tem haver com as idéias prévias ou concepções dos jovens sobre o meio ambiente. Tema este, por onde circularia uma série de proposições a serem desenvolvidas no decorrer do referido ano. Elegemos junto ao grupo de jovens uma série de atividades, tais como: desenvolvimento de discussões teóricas e práticas relativas às questões ambientais da escola e do entorno; formulação e resolução dos problemas levantados; promoção de parcerias e cooperação com as associações de bairros; elaboração e construção de materiais e instrumentos metodológicos e de divulgação ambiental; mostras de vídeos ecológicos; excursões para conhecimentos de diferentes espaços locais e regionais; construção de alternativas de gestão das atividades do grupo e produção de materiais de apoio<sup>1</sup>.

Desta forma uma investigação mais aprofundada sobre as idéias prévias desses jovens sobre o tema meio ambiente, nos pareceu um recorte importante, tanto para aprofundar nosso conhecimento sobre os modos de vida e de pensamento de nossos interlocutores, como para implementar as demais atividades. Entendemos que suas concepções ou conceitos sobre o meio ambiente expressam suas interpretações individuais adquiridas no processo de interação sócio-ambiental vivenciado por esses jovens nos contextos informais e formais. Assim, o presente trabalho pretende descrever e analisar as concepções sobre meio ambiente de alunos e alunas das séries finais do ensino fundamental, apresentadas em trabalhos e atividades decorrentes de ações educativas, realizadas nas reuniões semanais do grupo, envolvendo a realidade cultural e ecológica local dos alunos. É de interesse também relacionar aspectos relativos à constituição da subjetividade desses jovens, explicitados nas suas falas e imagens escolhidas nas concepções sobre meio ambiente. A análise destas concepções ou idéias prévias são fundamentais para promover intervenções educacionais em qualquer área do

---

<sup>1</sup> Os desdobramentos dessas atividades e os resultados obtidos serão trabalhadas em artigo futuro, que pretende focalizar as contribuições das diversas ações em educação ambiental na revitalização dos grêmios estudantis.

conhecimento, especialmente àquelas relacionadas ao desenvolvimento da educação ambiental na escola.

## AS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE REVELANDO A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Muitos estudos vêm propondo que o primeiro passo para a superação dos problemas ambientais e sociais da modernidade esta em re-visitar as nossas concepções de mundo, de natureza, de homem, entre outras, como forma de buscar novos valores humanos. Assim como, resgatar àqueles desenvolvidos por culturas tradicionais antigas e contemporâneas, que respondam às necessidades de sobrevivência e transcendência do ser humano e do planeta.

Algumas correntes teóricas têm justamente caminhado nessa mesma linha de pensamento, fornecendo subsídios para refletirmos sobre a gênese da natureza humana e os modos de construção do conhecimento. A psicologia histórico-cultural entende as concepções ou os conceitos que atribuímos às coisas, como resultado das interações sociais, lingüísticas, mentais. Portanto, a interpretação que damos ao mundo se dá a partir de experiências propiciadas pela interação com o seu meio ambiente físico e cultural, sempre mediado pelo outro (VIGOTSKI, 2001; BAKHTIN, 1986).

“As coisas do entorno acabam por nos invadir e ficaríamos de um jeito e não de outro, se as coisas, pessoas, bichos e plantas que nos circundam, fossem outras” (PARK e IÓRIO, 2004, p.8). O que propicia o desenvolvimento do ser humano e conseqüentemente a compreensão que tem sobre o seu meio são os processos de *“imersão na cultura e emergência da individualidade. É um processo que se faz mais por revolução do que por evolução, o sujeito se faz como ser diferenciado do outro, mas formado na relação com o outro; singular, mas constituído socialmente e, por isso, numa composição individual, mas não homogênea”* (SMOLKA e GÓES, 1995, p.10).

Nesta perspectiva analítica, o corpo não é separado da mente/espírito, ou seja, esta última não é desencarnada, se realiza e se desenvolve dependente da sua relação com o organismo. DAMÁSIO (2000) fundamenta por meio de estudos da neurologia, as relações entre corpo e mente, retirando a idéia de que mente/espírito tenha origem transcendental ou metafísica e recolocando-o dentro de um organismo que possui cérebro e corpo integrados.

Assim sendo, esta compreensão sobre como o humano se desenvolve e apreende o seu entorno reflete no modo de lidar com a construção de seu conhecimento. Aqui nos interessa como os jovens conceituam o meio ambiente, a fim de contribuir para os estudos e as práticas relacionadas à educação ambiental.

Os estudos que têm refletido sobre essa questão na educação ambiental, como TAMAIO (2000), LIMA, SANTOS e SILVA (2002), VIEIRA e SILVA (2002), entre outros, sinalizam a importância deste tipo de investigação para os trabalhos na área, especialmente quando se pretende contribuir para a relação entre educação ambiental e teorias do conhecimento, tais como aquelas que explicitam os processos de construção da subjetividade humana nos espaços escolares.

Retomando GONZALES REY (2001), que concordando com os fundamentos da psicologia histórico-cultural, afirma que “a subjetividade social e individual atuam na qualidade de constituintes e constituídos do outro e pelo outro”. Isto significa que a compreensão que a pessoa expressa sobre as coisas reflete sua condição e o momento atual de sua ação, contendo os significados e sentidos subjetivos elaborados por meio de sua inserção em diferentes momentos de sua experiência social. Assim, desde esta perspectiva, o indivíduo ‘aprendente’ expressa a subjetividade social dos diferentes espaços culturais em que vive no processo de aprender. Neste sentido, toda atividade humana é fruto dos diferentes sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa. A educação escolar recebe influências dos construtos anteriores que o sujeito traz de outras experiências, influenciando o sucesso ou o fracasso das propostas pedagógicas, quer seja, na teoria, na metodologia ou nas práticas educativas.

Os encontros formais das aulas ou de outras atividades escolares não são meros “cenários relacionados com os processos de ensinar e aprender, nela aparecem como constituintes de todas as atividades aí desenvolvidas, elementos de sentido e significação procedentes de outras “zonas” da experiência social, tanto de alunos quanto de professores”(GONZALES REY, 2001,p.2). Nos espaços escolares são construídos novos sentidos e significados que estão inter-relacionados às vivências de cada indivíduo envolvido e, portanto, da subjetividade social da escola, na qual aparecem elementos de outros espaços da própria subjetividade social. Ou seja, a escola não está separada da sociedade e nem das idéias ou conceitos prévios de cada sujeito que a protagoniza. Portanto, conhecer concepções de cada sujeito-aprendente torna-se de fundamental importância para a construção de um processo efetivamente dialógico e transformador, na acepção bakhtiniana.

A escola e suas atividades curriculares e extra-curriculares passam a estar relacionadas a processos dos sistemas sociais mais complexos. O jovem na escola expressa sua condição escolar, intimamente relacionada a sua condição social, e daí a importância da relação entre os processos de construção do conhecimento (tarefa

eminentemente educativa) com os processos de constituição da subjetividade (tarefa eminentemente da psicologia social) (GONZÁLEZ REY, 2001).

De posse destes pressupostos, o espaço escolar passa a ser compreendido como um espaço de convergência, divergência e contradição social, no qual entram em jogo inúmeros sentidos e significações da sociedade presente em outras formas de vida social, e que historicamente se tem mantido ocultas às teorias e às pesquisas educativas dominantes. A função primordial da educação não é somente oferecer possibilidade de conhecimentos, mas propiciar o desenvolvimento do indivíduo naquilo que concerne a uma atuação competente no processo de seu aprendizado e de construção de sua subjetividade no contexto da vida cotidiana.

Os mecanismos de promoção do desenvolvimento humano são relacionados a um processo extremamente complexo em que fazem parte elementos de simbolização dos sujeitos implicados e elementos construídos que adquirem sentido pela emocionalidade do sujeito comprometido nessa construção.

*Isto faz do desenvolvimento um processo contraditório e não linear, que não pode ser reduzido a um padrão. O desenvolvimento o compreendemos desta forma como processo vivo e contraditório, em que sentidos subjetivos de diferentes procedências sociais se configuram no processo dialógico do sujeito em seus diferentes espaços sociais(GONÇALES REY, 2001,p.4).*

MERCER (1998, p.14) diz que (...) *a educação em sala de aula é um processo discursivo sócio-histórico no qual os resultados, do ponto de vista da aprendizagem, são determinados conjuntamente pelos esforços de professores e alunos. A contextualização contínua e cumulativa de eventos e a criação de um “conhecimento comum”, através do discurso são, portanto, a própria essência da educação como processo psicológico e cultural.*

VYGOTSKY (1993) e LURIA (1987) através de suas investigações sobre a linguagem e a construção de sentidos e significados para os processos psíquicos superiores, demonstram como é possível se construir uma teoria de ensino e aprendizagem, a partir das relações com o outro e com a cultura. Segundo os autores os processos humanos devem ser investigados a partir das relações das ações do sujeito.

VYGOTSKY (1993) afirma que:

*(...) A criança adquire consciência de seus conceitos espontâneos relativamente tarde: a capacidade de defini-los por meio de palavras, de operar com eles à vontade, aparece muito*

*tempo depois de ter adquirido os conceitos. Ela possui o conceito (isto é, conhece o objeto ao qual o conceito se refere), mas não está consciente de seu próprio ato de pensamento. (...) Ao operar com conceitos espontâneos, a criança não está consciente deles, pois, sua atenção está sempre centrada no objeto ao qual o conceito se refere, nunca no próprio ato de pensamento.(...) Se a criança opera com o sistema decimal sem estar consciente dele enquanto tal, não se pode afirmar que ela o domina: pelo contrário, está subordinada a ele. Quando ela consegue ver o sistema decimal como um exemplo específico do conceito mais amplo de uma escala de notação, pode operar deliberadamente com esse ou qualquer outro sistema numérico (p.93 e 99).*

Tomar consciência da idéia ou concepção que temos sobre um determinado tema ou conceito torna-se central para o avanço ou até transformação da sua significação. Com relação ao tema meio ambiente TAMAIO (2000) apresentou algumas categorizações que nos parecem interessantes para sistematizar as concepções de meio ambiente expressas pelos jovens investigados. Esse autor propõe seis categorias como representativas das concepções de meio ambiente, tais como: idílica, romântica, natural, utilitária, científica e sócio-ambiental. A concepção idílica é muito próxima da romântica e se refere ao meio ambiente como aquele lugar relacionado a paisagens campestres, com campos mesclados de árvores numa organização bem própria das imagens de pequenos lugarejos da Europa. A concepção naturalista traz a idéia de que o meio ambiente refere-se estritamente os aspectos físicos naturais, como a água, o ar, o solo, as rochas, a fauna e a flora, excluindo o ser humano e todas as suas produções. A concepção utilitarista remonta a idéia de que o meio ambiente deve ser útil e ser apropriado como exclusividade para a satisfação das necessidades humanas. A concepção científica ressalta termos relacionados ao estudo sobre o meio ambiente advindos das conceituações disciplinares presentes no universo escolar. A concepção sócio-ambiental envolve a presença constante da inter-relação dos fatores físicos (ambientais) naturais e humanos (culturais).

Desde a Conferência de Estocolmo (ONU, 1972) a educação ambiental tem sido reconhecida como uma área crítica para promover transformações nos modos de compreensão e de relação da humanidade com o seu entorno. Para tanto, um dos pilares para o desenvolvimento da educação ambiental é identificar as concepções sobre as questões sócio-ambientais e orientar e inspirar o desenvolvimento de sujeitos para que

se apropriem de uma atitude crítica, dialética e participativa e de conhecimentos relacionados a essa realidade.

## A PESQUISA

A metodologia e estratégias utilizadas no contexto amplo da pesquisa, durante todo o ano de 2002, junto aos alunos do Grêmio Estudantil estão fundamentadas na pesquisa-ação (Barbier,2002). Especialmente naquilo que esse autor conceitua como ação-pesquisa, que se trata de uma pesquisa que objetiva promover mudanças intencionais, ou seja, estabelece procedimentos que visa uma pesquisa-intervenção-educacional (Spazziani e Sorrentino, 2001).

No preâmbulo desse processo de investigação e de intervenção mais amplos, destacamos, para efeito do estudo aqui desenvolvido, aspectos da intervenção da pesquisadora em ações educativas nas oficinas de vivências de sensibilização e de percepção ambiental realizadas nos meses de maio e junho. Priorizamos nesta etapa a fala (o discurso) dos sujeitos e as imagens (figuras ou fotos) que selecionam para expressarem suas concepções sobre meio ambiente.

Os alunos que participam diretamente da pesquisa são 15 jovens que representam o Grêmio Estudantil “Unidos da Escola e dispostos a buscarem melhorias para a escola e o seu entorno. A maioria desses alunos reside há mais de dois anos nos bairros que cercam a escola. É importante dizer que esses bairros são extremamente carentes em área de lazer, segurança, saneamento básico, coleta lixo e arborização”.

Todas as atividades desenvolvidas foram submetidas a registros em diários de campo, gravações e fotografias, em acordo com as características das intervenções e dentro das possibilidades e disponibilidades dos recursos técnicos. As expedições investigativas oriundas destes registros foram interpretadas com a finalidade de identificar e analisar as concepções dos sujeitos relativas ao meio ambiente levando-se em conta a abordagem processual.

Nesta atividade foi solicitado aos participantes que escolhessem e recortassem figuras ou textos que significassem o meio ambiente, disponibilizado em revistas, jornais e folhetos diversificados. O uso de figuras/fotos nos possibilita a presença de uma narrativa não verbal e imagética como forma de contribuir para explicitar a consciência desses jovens sobre o significado do conceito meio ambiente. Segundo

DAMASIO (2000) imagens, figuras, desenhos “consistem na idéia não lingüística do que são as coisas, as ações, os eventos e as relações”(p.239).

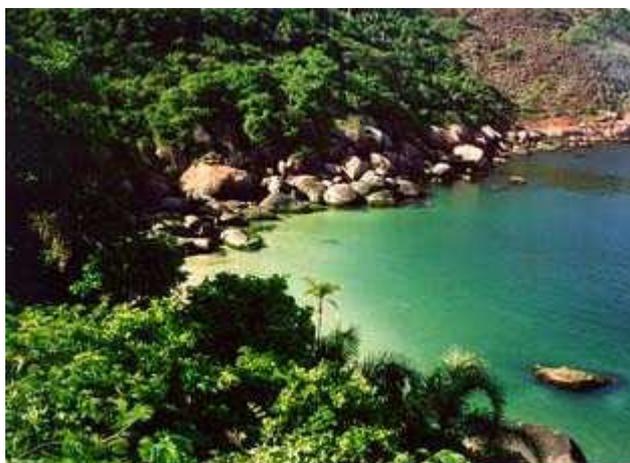
Apesar do contexto escolar prevalecer uma prática centrada em formulações verbais, dialogamos com outras linguagens imagéticas, de origem visual, para compreender o processo de construção do conhecimento. Por isso, advogamos uma parceria entre a linguagem verbal e o uso de imagens como forma de buscar compreensões mais significativas do universo de representações apresentadas pelos sujeitos sobre determinadas temáticas no espaço escolar.

As atividades foram gravadas em fitas cassetes e a seguir transcritas. É importante destacar que vínhamos realizando encontros semanais com estes jovens desde abril, em que discutíamos questões relativas à nossa contribuição para o desenvolvimento das atividades do Grêmio em consonância com os propósitos da pesquisa-ação ou intervenção.

### **O MEIO AMBIENTE PARA OS JOVENS DO GRÊMIO ESTUDANTIL**

Na vivência de percepção ambiental, cada jovem escolheu uma imagem que representasse o que para ele ou para ela significa o meio ambiente e a seguir argumentou o porquê de sua escolha. A análise deste material nos possibilitou identificar três categorias de concepções de meio ambiente dos alunos: visão naturalista ou generalizante, utilitarista e sócio-ambiental.

Figura 1



Fonte: Universidade Federal Fluminense, 2002

Imagens semelhantes à Figura 1, uma praia deserta, com uma grande mata e presença de coqueiros e outras vegetações típicas desse tipo de paisagem, são selecionadas por quatro jovens do grupo no manuseio do material disponibilizado, ilustrando a visão “naturalista”. Uma primeira leitura desta imagem nos possibilita uma compreensão de que o meio ambiente é a representação de algo que não contempla a presença humana. Uma compreensão de natureza oposta à cultura. A natureza é apresentada como algo grandioso, belo, equilibrado sem a figura do homem, ou pelo menos sem suas marcas.

Essa imagem de meio ambiente, por seu caráter abrangente e por referir-se a elementos considerado essenciais à realidade, comporta, no entanto, uma sucessão de nuances nas concepções expressas verbalmente pelos jovens.

Percebe-se no interior da visão naturalista uma vertente conservacionista, mais próxima do biocentrismo<sup>2</sup> proposto por Viola (1990). Um exemplo desta visão esta na fala de um jovem de 11 anos, da 5ª série, que diz: “O mais importante são as árvores”. Essa vertente, dentro da visão naturalista, apresenta nuances em que os elementos da natureza (minerais, animais e vegetais) são hipervalorizados em relação ao elemento humano e suas produções.

Há também idéias menos radicalizadas que identificam uma visão mais preservacionista dos ecossistemas ameaçados, por conta da conscientização promovida pelos desastres ecológicos. Os argumentos sobre essa forma de representar o meio ambiente vêm com as seguintes frases:

*“Esse desenho que eu escolhi significa muito, você pode ver que aqui nessa foto é uma grande natureza, que não está sendo destruída. Eu escolhi também por causa que é pra mostrar para as pessoas perceber que nós não precisamos destruir a nossa bela natureza. E se nós podermos pensar muito e cuidar muito da nossa mãe natureza” (Aluna da 7ª. série)*

*“A natureza é um lugar limpo com florestas, árvores e praia” (Aluno da 7ª série ao apresentar uma foto de uma praia deserta)*

*“Eu escolhi esta figura por que eu gosto muito de praia e hoje em dia com vazamento da Petrobrás poluiu muito os mares e também temos que preservar a natureza” (Aluna da 8ª série).*

---

<sup>2</sup> Eduardo Viola (1990) discorre sobre as concepções que ocorrem sobre o meio ambiente que vai de uma gradação antropocêntrica, em que o homem é o centro do desta visão, até a sua oposição, a biocêntrica, em que a vida, em todas as suas dimensões, ganha maior importância, sendo o homem apenas um de seus componentes.

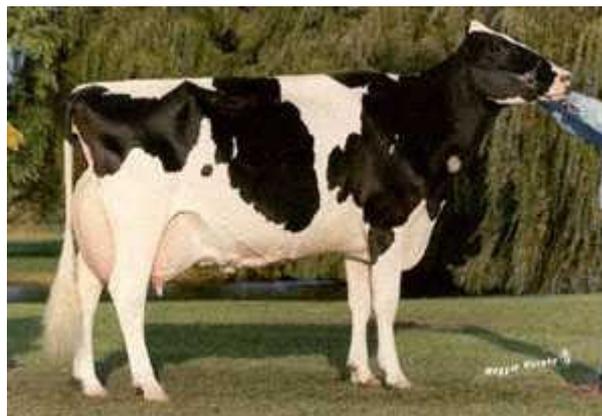
O meio ambiente é apresentado de modo genérico ressaltando os aspectos naturais como essencialmente bons. A presença humana surge no discurso com sua intervenção maléfica.

Essas idéias ou concepções de meio ambiente nos permitem uma associação ao Gênesis do antigo testamento, quando ressalta a separação/cisão entre homem e natureza produzida pelo pecado original, ou o pecado de “autonomia moral, como dizem os biblistas(...) o Homens encheram a terra de violência, e Deus decidiu exterminá-los...”(MARCHIONI, 1997, p.10). Esta imagem de natureza ou de meio ambiente, segundo ABRANTES (1998), marca profundamente as relações do homem na antiguidade, e se perpetua no decorrer da idade média, trazendo influencias para a modernidade.

Neste caso, podemos interpretar que as idéias destes jovens sobre o meio ambiente são identificadas somente com os elementos que vêm da natureza ou de Deus. O homem é concebido como aquele que veio da natureza, mas ao querer diferenciar-se desta, provocou toda a sorte de destruição e de “mal”.

O pensamento conservacionista mais radicalizado contém idéias explícitas, em que a salvação da humanidade depende inclusive de sua destruição. A exterminação da humanidade é percebida como forma de retomar o equilíbrio do ecossistema, como se os seres humanos não fossem fruto do processo histórico da interação de seus elementos (SANTOS, 2003).

**Figura 2**



Fonte: Saúde Animal, 2002

A visão “utilitarista”, exemplificada na Figura 2, traz no seu cerne a idéia invertida de meio ambiente apresentada pela visão naturalista, ou seja, os elementos naturais são concebidos a serviço do homem. Para THOMAS (1988), a relação do

domínio do homem sobre a natureza e todos os seus elementos, vai ser restabelecida bíblicamente após o dilúvio, quando Deus renova a autoridade do homem sobre a terra:

*Temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra, todas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em vossa mãos pus todos os peixes do mar. Sustentai-vos e tudo o que tem vida e movimento (GÊNESIS, IX, 2-3, apud THOMAS, 1988, p.22).*

Trechos bíblicos que destacam a soberania do homem sobre os demais elementos da natureza vão ser ressaltados e intensamente utilizados a partir do século XVII, segundo os estudos que THOMAS (1988) realiza sobre como foi vivida a natureza nos trezentos anos que inauguram a modernidade.

Essa visão “utilitarista” é identificada em três imagens, semelhantes à Figura 2, escolhidas por jovens do grupo. Seus discursos apresentam os seguintes argumentos:

*“A figura do boi porque dá a carne e serve de transporte também” (Aluno, 15 anos, 7ª série).*

*“O gado fornece leite pra gente” (Aluno, 12 anos, 5ª série).*

Nesta concepção há a sujeição do mundo natural, planta e animais, que são considerados fontes de alimento, combustível e do lazer para o homem.

Para THOMAS (1988), a civilização da Europa seria inconcebível sem o boi e o cavalo: “O emprego de animais para carga e tração fornecia ao europeu do século XV uma força motriz cinco vezes superior à de seus contemporâneos chineses” (p.31). É justamente para a instauração da civilização humana que “fez-se da vitória do homem sobre outras espécies o tema central” (p.34).

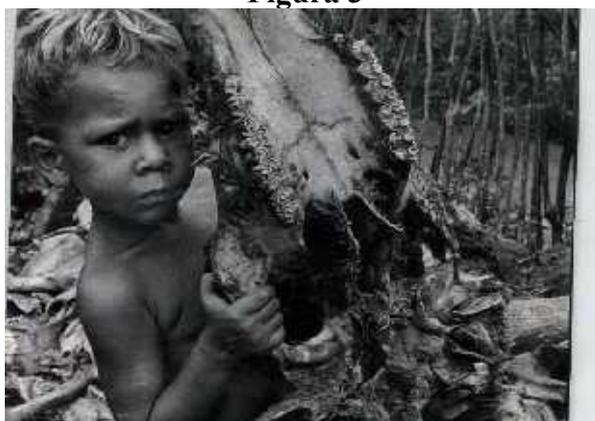
Ainda, nesta categoria “utilitarista”, incluímos mais duas imagens selecionadas por duas alunas da 6ª série: a primeira de uma praia, mas só que agora contendo pessoas expostas ao sol, em barracas e sentadas ou deitadas na praia; e a outra, a foto de uma mesa. Os argumentos que definem as imagens nesta perspectiva são respectivamente os seguintes:

*“O céu, o mar, as pessoas aproveitam a praia, relaxando e sem violência que é o mais importante” (Aluna da 6ª série).*

*“O objeto transformado da natureza” (Aluna, da 6ª série, referindo a imagem de uma mesa de madeira).*

Esses alunos reconduzem uma concepção de meio ambiente onde os elementos constituintes são apropriados pelo homem, para o seu bem-estar, marcando de qualquer forma uma visão dicotomizada entre natureza e cultura.

**Figura 3**



Fonte: Revista Veja, ano 35, nº.3, 23/01/2002, p.83

Na visão “socio-ambiental” incluímos imagens escolhidas por dois alunos. A primeira, de um jovem da 8ª série, retrata uma casa estilo sobrado, próxima dos padrões de construções da classe média brasileira: cerca de 300 m<sup>2</sup> de área construída ornamentada por um jardim planejado. Seu discurso destaca o seguinte: “É importante a interação do verde em nosso ambiente, é a natureza”. Imagem e discurso se complementam na intenção do autor em explicitar uma compreensão que represente a idéia de meio ambiente integrando elementos do ambiente natural e humano. Uma leitura que nos convida a um entendimento imbricado e inter-relacionado entre o que vem da natureza e as produções humanas. Ao afirmar que essa interação é a natureza, desloca-se à superfície compreensão que ficaram silenciadas, escondidas na curta história da presença dos humanos no caldo biológico de Gaia<sup>3</sup>.

A outra é também de uma aluna da 8ª série. Só que a imagem escolhida apresenta o seguinte título “O paradoxo da miséria”, e abaixo a foto de uma criança do nordeste com uma cabeça de boi, em putrefação, morto pela seca (Figura 3). O argumento verbal é o seguinte:

*“Eu escolhi uma porque todo mundo escolheu uma coisa bonita... o Nordeste, a seca está demais... e aqui, por exemplo, tem água e lá não tem. As crianças têm rede e aqui muitas têm cama, sem manutenção de saúde, catando o lixo, vivem na miséria.”*

Ao mesmo tempo em que comenta as escolhas de seus colegas, esta jovem trás para a discussão no grupo um elemento novo, crítico e contextualizado. Sua escolha é marcada pela constatação, sem ter sido explicitada, da falência dos ideais da Revolução Francesa. Ou seja, todos os demais colegas escolheram os sonhos do iluminismo, mas na realidade brasileira uma parcela significativa da população humana não desfruta, e provavelmente não desfrutará destes sonhos. Em pé de igualdade, homem e natureza são apresentados lado a lado, como dois lados de uma mesma moeda.

Estes dois alunos apresentam, por meio de suas escolhas, uma visão em que os aspectos da interação homem-natureza estão marcadamente presentes, destacando inclusive as interferências históricas da ação humana e suas conseqüências para o meio natural e para as sociedades humanas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esses diversos modos de compreensão sobre os significados de meio ambiente propicia a necessidade de um dialogo entre essas concepções, não como uma superior à outra, mas como possibilidades de entendimento das experiências atuais vivenciadas pelos sujeitos/atores do conhecimento, das idéias e práticas historicamente construídas e ainda fortemente presentes, e de formas de intervenção realmente significativas para a construção de outras consciências.

A utilização de diferentes estratégias para discutir a questão do ambiente físico e social local possibilita aproximações da realidade do aluno, podendo contribuir tanto para proposta de ensino da escola quanto para a constituição dos sujeitos imersos nas práticas escolares.

---

<sup>3</sup> Gaia é um termo grego atribuído por James Lovelock ao planeta Terra. Gaia significa compreender a Terra como um ser vivo, em que o ser humano é uma das partes dessa vida.

Os temas sobre o meio ambiente fazem parte das vivências e reflexões cotidianas dos alunos, possibilitando interfaces constantes entre subjetividade e condições materiais de sobrevivência.

A realização da pesquisa sobre as concepções prévias dos jovens sobre o meio ambiente tem contribuído para alcançar os principais objetivos da atuação do Grêmio na escola e, especialmente, o papel da educação ambiental em espaços alternativos à sala de aula.

Pode-se perceber como é importante a escola oferecer aos seus alunos atividades pedagógicas em período complementares às aulas. Numa avaliação dos alunos sobre a participação no grêmio pode-se verificar depoimentos como o seguinte:

*O grêmio para mim vem mudando minha vida, antes ficava em casa sem fazer nada mais aí a diretora me chamou para ser membro do Grêmio Estudantil daí em diante eu comecei a participar das reuniões do grêmio o que mudou minha vida (Aluno, 11anos- 5ª série).*

Estas palavras demonstram a importância da escola promover outras ações junto aos adolescentes, que ao invés de estarem na rua, ou muitas vezes, sozinhos em casa, podem estar na escola, se apropriando de atividades realmente importantes para ambos (escola e alunos).

A valorização de suas idéias e conceitos sobre determinada questão incentiva o envolvimento dos jovens e aumenta sua auto-estima, promovendo uma participação “proativa”, ou seja, contribuindo para a potência de ação. Questão de grande relevância quando comparadas a apatia que as crianças e jovens vem demonstrando no desenvolvimento das tarefas escolares.

As estratégias pedagógicas que se iniciam pelo diálogo com os saberes dos alunos tem maiores chances de despertar o interesse e o envolvimento dos mesmos. E é o que a escola pública tanto necessita: a presença de projetos que proporcionem diferentes maneiras de se trabalhar com os temas transversais, como no caso do meio ambiente.

Por outro lado este tipo de investigação tem contribuído para a consolidação da linha de pesquisa do programa de pós-graduação em educação “Constituição do sujeito no contexto escolar”, através do aprofundamento de temas específicos escolares relacionados a teorias do conhecimento. Cabe destacar que a Educação Ambiental, por seu caráter interdisciplinar e transdisciplinar se configura potencialmente promissora

para a criação de alternativas pedagógicas, quer seja do ponto de vista teórico, metodológico, ou de ambos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, P. **Imagens de natureza, imagens de ciência.** Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1991.
- BARBIER, R. **Pesquisa-ação.** São Paulo: Papirus, 2002
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução.** Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência.** Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- GONZÁLEZ REY, F.L. **A pesquisa e o tema da subjetividade em educação.** Anais, 24<sup>a</sup> Reunião anual da Anped. Caxambu: MG, 2001.
- LIMA, A J.; SANTOS, M.J.; E SILVA, M.M.P. Meio ambiente e ser humano na visão de meninas em situação de risco em campina grande – Paraíba. **Anais da SBPC**, 2002
- LOVELOCK, J. **The Ages of Gaia.** Oxford: Oxford Press, 1985, 255p.
- LURIA, A R. **A construção da mente.** São Paulo: Ícone, 1987.
- MARCHIONNI, A . **Deus e o Homem na História dos Saberes.** São Paulo: LTr, 1997.
- ONU. Conferência de Estocolmo, 1972.
- PARK, M.B. e IÓRIO, S.A. **Arte, educação e projetos: Tao Sigulda para crianças e educadores.** Jundiaí, SP: Árvore do Saber Edições e Centro de Estudos Pedagógicos, 2004.
- SANTOS, B.S. Suicídio Coletivo? In: **Folha de São Paulo**, 28 de março, 2003, p.A 3.
- SAÚDE Animal. Serviços Saúde Animal. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br>>. Acesso em: 02jun2002.
- SMOLKA, A .L.B., GÓES, M.C.R.(org.) **A linguagem e o outro no espaço escolar.** Campinas: Papirus, 1995.
- SPAZZIANI, M.L. e SORRENTINO, M. **O projeto de intervenção educacional na formação de educadores ambientais.** (Texto produzido para o curso de especialização “Formação de educadores ambientais para sociedades sustentáveis”). Piracicaba: São Paulo: ESALQ/USP, 2000.
- TAMAIIO, I. **A mediação do professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de Educação Ambiental na Serra da Cantareira e Favela do Flamengo/São Paulo.** (Dissertação de Mestrado). UNICAMP, 2000.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia das Letras, 1988.

UNIVERSIDADE Federal Fluminense (UFF). Fotos - A UFF em Niterói. Disponível em: <<http://www.coseac.uff.br/cidades/nitfoto5.htm>> . Acesso em: 02jun2002

VIEIRA, M.M.P.E SILVA, M.M.P. Visão de meio ambiente de alunos de uma escola de formação pedagógica. **Anais da SBPC**, 2002

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIOLA, E. e Leis, H., “Desordem Global da Biosfera e Nova Ordem Internacional: o Papel Organizador do Ecologismo” *In: Ciências Sociais Hoje*, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.